

Ministério da Cultura e / and Pivô apresentam / present

Pol Taburet

EXPOSIÇÃO

2 DE SET — 26 DE NOV 2023

EXHIBITION

SEP 2ND — NOV 26TH 2023

Pivô

SWEETS FOR THE SWEETS

QUA A SÁB 13H ÀS 19H

E DOM 12H ÀS 18H

CURADORIA

WED TO SAT 1 TO 7 PM

CURATED BY

AND SUN 12 TO 6PM

FERNANDA BRENNER

**NENHUMA SURRA BARULHENTA
TERMINA COMO COMEÇA.
NENHUM DOS SurrADOS ACABA
COMO COMEÇAMOS.**

Jericho Brown, *A Tradição* ①

Pol Taburet foi o primeiro artista a trabalhar no novo espaço do Pivô em Salvador, onde produziu parte das obras para a exposição em São Paulo. Nas primeiras semanas após sua chegada, todas as paredes de seu ateliê provisório estavam preenchidas por grandes telas totalmente pretas. Devido à burocracia da alfândega brasileira, os materiais de Taburet ficaram retidos por mais tempo do que o previsto. Sua ligação com a cidade nordestina foi imediata. Enquanto ele absorvia uma profusão de novos inputs sinestésicos e informações, aqueles enormes retângulos escuros permaneciam estáticos, assombrando-o.

Li em algum lugar que mais humanos já visitaram o espaço sideral do que as profundezas do mar. Até pouco tempo, os cientistas acreditavam que a visão em cores não era necessária no fundo do oceano. É muito longe para os raios de sol penetrarem, e por isso não há luz que se desdobre em cor. Mas, quando alguns pesquisadores interessados na evolução da visão em cores analisaram os genomas de algumas das muitas espécies misteriosas que se movem no maior habitat do planeta, provou-se o contrário. Alguns peixes abissais têm mais genes para discriminar luzes suaves do que qualquer outro vertebrado da Terra, e a bioluminescência é, antes de tudo, uma forma de defesa e uma ferramenta de navegação naquela escuridão tenebrosa. Seguir o processo de pintura de Pol

durante sua estadia no Brasil me fez pensar em criaturas que criam a própria luz e o mistério que as envolve – imagine as tonalidades vibrantes que elas podem ver e que nós desconhecemos. Talvez aquilo a que alguns chamam “sobrenatural” possa muito bem residir no solo marinho mais profundo, abaixo do limite da escuridão.

Acreditamos que vemos o mundo como ele é. Não vemos. Vemos o mundo tal como precisamos – ou como fomos programados – a vê-lo para dar sentido a nossa experiência. E, no oceano, não é diferente. Apenas as primeiras camadas dos mares são iluminadas. A “zona de luz solar” estende-se por cerca de 200 metros, e a “zona de crepúsculo”, por outros 700 metros abaixo – na “zona da meia-noite”, na “zona abissal” e na “zona hadal” –, onde há apenas escuridão e a luz emitida pela própria vida. Tal como as criaturas das profundezas do mar, as pinturas e esculturas do artista francês parecem emitir a própria luz e habitar um lugar (ou tempo?) assustador, pois não tem limites. Suas cenas são finamente estilizadas, e o grotesco bem calculado que as compõe parece abrir outro mundo, habitado por figuras espectrais que talvez guardem um segredo. Parece ser preciso guardá-lo para compreendê-las plenamente.

Percorrer os enredos hipnóticos orquestrados por Pol Taburet requer uma espécie de visão noturna, uma capacidade de mergulhar na escuridão até que os olhos comecem a se ajustar à falta de luz e as cores se tornem tão vibrantes quanto possível. Seu trabalho – sua estética, suas inspirações, suas intenções – é feito a partir de um repertório sincrético e altamente pessoal – uma mistura não hierárquica que abrange desde as divindades do vodu e a história oral afro-atlântica às

batidas e letras do funk e trap-hop, tudo isso enquanto acena displicentemente para a história da arte ocidental.

As novas obras bi e tridimensionais agrupadas sob o nome SWEETS FOR THE SWEETS foram, entre outras coisas, inspiradas em um famoso personagem americano: o Candyman. Originário do conto de 1985 de Clive Barker, tornou-se mais conhecido como protagonista de uma série de filmes de terror do início da década de 1990. Nessas histórias, ele é retratado como um homem negro brutalmente assassinado em decorrência de um caso de amor interracial proibido no século 19; ele então regressa como uma lenda urbana e mata qualquer pessoa que o invoque ao dizer seu nome cinco vezes em frente a um espelho. O carneiro vingativo, que tem um gancho no lugar da mão direita, aparece geralmente acompanhado por uma nuvem de abelhas. Ele assombra a população de Cabrini-Green, uma antiga área periférica em que conjuntos habitacionais serviam de moradia para uma população majoritariamente negra e imigrante e que é hoje uma zona altamente urbanizada de Chicago – uma típica história de gentrificação urbana.

Como gênero, o cinema de horror preocupa-se com o desconhecido e o ostensivamente monstruoso, uma fixação que se manifesta em visões de alteridade. Contamos algumas histórias e criamos imagens para compreender a nós próprios e nosso contexto, mas as mesmas histórias podem transformar humanos em bestas e justificar a violência e a destruição, dependendo do ponto de vista do narrador. Quem invoca o Candyman precisa antes olhar-se no espelho. A lenda urbana se torna uma presença material mortífera quando alimentada pelo medo e pelo trauma coletivo. Hoje em dia, é impossível não pensar na sobreposição

entre o feitiço “diga seu nome” de Candyman e as demandas recentes do “digam seus nomes” do movimento Black Lives Matter².

Ao mover-se entre Salvador e São Paulo, Taburet aproximou-se dos efeitos evidentes do racismo estrutural nesta parte do mundo, onde a segregação permeia o tecido urbano da maioria das cidades. As criaturas híbridas do artista – assim como tantas pessoas que vivem em condições precárias – parecem ter inventado a própria maneira de emitir luz e se manter em movimento. Na exposição, essa espécie de gelatina bioluminescente com a qual Taburet envolve suas personagens – criadas com movimentos muito finos de aerógrafo e pastel – parece funcionar ao mesmo tempo como camuflagem e como grito de guerra. A luz e a opacidade lhe importam na mesma medida. Uma figura recorrente aparece na maioria das pinturas, uma espécie de narrador, ou, talvez mais corretamente, um griot³ ou um egungun⁴. Como os contadores de histórias e as divindades da África Ocidental, essa entidade parece guardar as profundezas do submundo pessoal de Taburet, ao mesmo tempo que evoca seus antepassados e nos conta histórias.

Aquelas telas escuras que aguardavam as primeiras pinceladas do artista não sabiam que em breve abrigariam uma espécie de cartografia imaginária de um complexo submundo e suas articulações misteriosas. Como um submarino teleguiado que navega até a fossa das Marianas⁵, ou uma possessão em um ritual xamânico, a obra de Pol Taburet abre uma passagem intermédica para uma multiplicidade de situações animadas por êxtases de saturação cromática e formações etéreas. Ao descrever o livro One Long Black Sentence⁶, da artista/escritora Renee Gladman, Fred Moten

pergunta: “Mas será que a relação figura/fundo funciona se o fundo for negro? O fundo negro [background]^⑦: essa capacidade não representativa que permite que toda a representação tenha lugar”^⑧. Essa observação parece também descrever com exatidão a exposição de Pol Taburet. Ele parece abrir um background na sala e, ao adentrá-la, é como se fôssemos quase imediatamente derrotados numa batalha de rap em que não sabíamos que havíamos entrado. Nunca se consegue apanhar totalmente seu ritmo e, ao mesmo tempo, não se consegue ouvir o suficiente. SWEETS FOR THE SWEETS parece querer restaurar algum estilo em um mundo estilizado. Pol Taburet nos convida a visitar um reino espiritual que se abre àqueles que estão dispostos a dançar sua música e, não menos importante, que saibam como guardar um segredo.

FERNANDA BRENNER

- ① BROWN, Jericho. A Tradição. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Círculo de Poemas, 2023
- ② Black Lives Matter é um movimento ativista internacional, com origem na comunidade afro-americana, que faz campanha contra a violência direcionada às pessoas negras. O BLM regularmente organiza protestos em torno da morte de pessoas racializadas causada por policiais, e questões mais amplas de discriminação racial, brutalidade policial, e a desigualdade racial no sistema de justiça criminal dos Estados Unidos.
- ③ Para alguns povos da África Ocidental, os griots são aqueles que contam as histórias, narram os acontecimentos de um povo, passando as tradições para as gerações futuras.
- ④ Egungum (em iorubá: egungun) é um termo de algumas religiões de matriz africana que designa os espíritos de pessoas mortas importantes, que retornam à terra.
- ⑤ Fossa das Marianas é o local mais profundo dos oceanos, atingindo uma profundidade de 10 984 metros.
- ⑥ GLADMAN, Renee e MOTEN, Fred. One Long Black Sentence. Ithaca, NY: Image Text Ithaca Press, 2021.
- ⑦ Moten se utiliza de um jogo de palavras em inglês: background e blackground. Em português, estamos traduzindo como fundo negro para dar a ver esta relação entre as palavras.
- ⑧ Do original: “But does the figure/ground thing work if the ground is black? The background: that nonrepresentational capacity that lets all representation take place.”

SWEETS FOR THE SWEETS

NO SOUND BEATING ENDS WHERE IT BEGAN. NONE OF THE BEATEN END UP HOW WE BEGAN

Jericho Brown, *The Tradition*^①

Pol Taburet was the first artist to work in Pivó's new space in Salvador, where he produced some of the works for the São Paulo exhibition. In the first few weeks after his arrival, the walls of his temporary studio were covered by large, entirely black canvases. Owing to the painstaking bureaucracy of Brazilian customs, Taburet's materials were detained for longer than expected. His connection with the northeastern city was immediate. As he soaked in a profusion of new synesthetic input and information, those massive pitch-black squares remained at a standstill, haunting him.

I read somewhere that more humans have visited outer space than the deep sea. Until recently, scientists generally held the belief that color vision wasn't essential in the depths of the ocean. It's too far for sunbeams to penetrate, so there's no light to reveal color. However, as researchers studying the evolution of color vision analyzed the genomes of some of the many mysterious species that populate the planet's largest habitat, they were proven wrong. The silver spinyfin, for instance, has more genes for discriminating dull light than any other vertebrate on the planet. Bioluminescence is, in fact, a form of defense and a navigation tool in that inky darkness. Watching Pol's painting process during his time in Brazil made me think of those creatures that make their own light and harbor an enduring mystery. Imagine the vibrant hues they

might see and that we have no clue about. Perhaps what some call the 'supernatural' might just as well reside on the deepest sea floors, below the edge of darkness.

We believe we see the world as it is. We don't. We see the world as we need to – or as we have been programmed to – in order to make sense of our existence. Only the first few top layers of the oceans are illuminated. The "sunlight zone" extends down about two hundred meters, and the "twilight zone" extends down another seven hundred meters below that. In the "midnight zone", the "abyssal zone", and the "hadal zone", there exists only darkness, and the light generated by life itself. Much like deep-sea creatures, the paintings of the French artist appear to radiate their own light and inhabit a boundless and somewhat scary place (or time?). His finely stylized scenes and calculated gore unveil another world where eerie spectral figures seem to guard a secret, and to fully grasp them, one should be able to keep it.

Navigating through the hypnotic twists and immanent upheavals that Taburet orchestrates requires a sort of night vision; an ability to delve into the darkness until your eyes start adjusting to the lack of light and colors become as bright as they can be: a bright darkness. His work – its aesthetics, inspirations, and intentions – emerges from a syncretic and deeply personal repertoire, a non-hierarchical mix that ranges from voodoo deities and Afro-Atlantic oral history to funk and trap-hop tunes, all while nodding to Western painting traditions.

The brand-new two- and three-dimensional works grouped under the title SWEETS FOR THE SWEETS draw inspiration, among other things, from a famous American character: Candyman. Originated in Clive Barker's

1985 short story, he became notorious as the protagonist in a cult horror series during the early 1990s. In the films, he is portrayed as a black man brutally murdered due to a forbidden interracial love affair in the 19th century; he returns as an urban legend, mercilessly killing anyone who summons him by uttering his name five times in front of a mirror. The hook-wielding, vengeful ghoul typically appears accompanied by a swarm of bees. He haunts the area of Cabrini-Green, an extant and problematic public housing development in Chicago, which is a typical example of urban gentrification.

As a genre, horror is preoccupied with the unknown and the ostensibly monstrous, a fixation that manifests in visions of otherness. We tell stories and create images to understand ourselves and our context; yet, these same stories can turn humans into beasts and justify destruction, contingent upon the point of view of their creator. Those who summon Candyman must confront their own reflection before the ghoul becomes a deadly material presence fueled by fear and collective trauma. In today's context, it is impossible to disregard the connection between the spell to summon Candyman – 'Say His Name' – and the demands of the Black Lives Matter² movement to 'Say Their Names'.

By moving between Salvador and São Paulo, Taburet witnessed firsthand the stark effects of structural racism in this part of the world, where segregation underscores the urban fabric of most cities. Pol's hybrid creatures, not unlike so many people living in dire conditions, seem to have invented their own ways to shine and thrive. In the exhibition, the bioluminescent slime with which Taburet renders his characters – employing a meticulous airbrush technique – works both as camouflage

and a war cry. A recurring figure appears in most paintings, akin to a narrator, or perhaps more aptly, a griot³ or an egungun⁴. Like the storytellers and deities of West Africa, the figure seems to be the guardian of Taburet's personal underworld, channeling their ancestors and telling us stories.

The black canvases, awaiting the artist's first brushstrokes, were unaware that they would soon convey an imaginary depiction of an underworld and its occult, mysterious articulations. Like an AI submarine going into the Mariana Trench or a spirit possession within a Voodoo ritual, Pol Taburet's work opens a middle passage into a multitude of situations animated by the ecstasies of chromatic saturation and ethereal formations. While discussing the book One Long Black Sentence⁵ by fellow artist-writer Renee Gladman, Fred Moten asks, "But does the figure/ground thing work if the ground is black? The blackground: that nonrepresentational capacity that lets all representation take place". This remark also seems to aptly describe Pol Taburet's exhibition. He seems to have turned the whole room into a blackground, where you are almost immediately beaten in a rap battle you never knew you had entered. You can never fully grasp its pace, and, at the same time, you can't get enough of it. SWEETS FOR THE SWEETS is compelled to restore some style in a broken world. It reveals a realm of spirits to those willing to dance along and, most importantly, to those who know how to keep a secret.

FERNANDA BRENNER

- ① **BROWN, Jericho. The tradition. Copper Canyon Press, 2019.**
- ② **Black Lives Matter is an international activist movement, originating in the African-American community, that campaigns against violence directed at people of color. The BLM regularly organizes protests around police killings of people of color, and broader issues of racial discrimination, police brutality, and racial inequality in the US criminal justice system.**
- ③ **For some West African people, griots are those who tell stories, narrate the events of a people, passing on traditions to future generations.**
- ④ **Egungun is a Yoruba term from religions of African origin that designates the spirits of important dead people who return to earth.**
- ⑤ **GLADMAN, Renee e MOTEN, Fred. One Long Black Sentence. Ithaca, NY: Image Text Ithaca Press, 2021.**

